

A pedagogia do abraço

Há muitos, mesmo muitos anos, conheci um professor que me afiançou nunca ter defrontado problemas de indisciplina. Confidenciou-me que, no primeiro dia de aulas de cada ano lectivo, "*dava toda a corda à turma*" (sic), esperava que a desordem se instalasse e que o líder da desordem se revelasse. Então, "*parava a romaria e aplicava no mariola uma sova monumental, que era remédio santo para todo o ano*" (sic).

Recentemente, foi-me concedido o privilégio de reconhecer a distância que vai da violência "disciplinadora" desse professor de antanho à ternura dos braços de uma Ana (Joana de nome próprio, mas esse é um segredo que fica entre nós...).

A Ana viveu, por dentro, o quotidiano de um bairro degradado. Entre outros dramas, conheceu o de uma criança por todos considerada "*violenta*", hóspede quase permanente de um "quarto escuro", onde cumpria longas horas "*de castigo*". Porém, nem o negro isolamento domava a juvenil fúria. Em sucessivas vagas, a soco, a pontapé, à dentada, forçava a fuga das companheiras, e abreviava o regresso ao "quarto escuro".

Recém-chegada, a Ana depressa se apercebeu daquele círculo vicioso de violência, "crime e castigo". Poucos dias decorridos, aproveitando um momento de distração da endiabrada rapariga, prendeu-a nos seus braços. A pequena ainda esperneou, mas sem conseguir escapar ao amplexo. Resignada, julgou chegado mais um momento de recolher à punitiva escuridão. Tremeu quando a Ana a beijou na face. Correu para novas tropelias, logo que a Ana a largou.

Não levou muito tempo a regressar. Ia direita ao "quarto escuro", de orelha pendurada, quase arrastada pela vigilante que a surpreendera em flagrante delito. De novo, a Ana intercedeu por ela. A vigilante largou-a nos seus braços. A pequena já quase não opôs resistência. Sentiu o abraço como abraço e recebeu o beijo sem frémido aparente. Mas, sem demora, foi procurar mais sarilhos e voltou? qual pássaro há muito sem ninho? ao aconchego dos braços e ao afaço dos lábios da paciente Ana. Algumas idas e vindas depois, o íman do afecto prendeu-a definitivamente. A pedagogia do abraço vencera a da punição.

A vida dos professores está recheada de acontecimentos dignos de narrar e, como não há duas sem três, aqui deixo registo de outra peculiar experiência.

O primeiro dia de escola começou num vaivém entre vinte e tal fedelhos a chorar baba e ranho e meia dúzia de ansiosas e renitentes mães, coladas ao umbral da porta, ora espreitando a descendência pelos interstícios, ora penetrando para assoar o nariz do herdeiro ou dar-lhe um beijo de despedida.

Respeitosamente, o professor encaminhou as ansiosas progenitoras no sentido da saída. Ao cabo de uma longuíssima meia hora, logrou encostar a porta: "*com licença, desculpe, faz favor, minha senhora, sim, sim, pode ficar descansada, claro, pois, é natural, coitaditos, não é? As gotas, pois, não me esquecerei, pois, dá-me licença, se fazem favor, não custa nada, daqui a pouco já vão ao recreio, sim, minha senhora, não me esquecerei, concerteza...*" Com mão firme e jeitinho conseguiu fazer descolar da porta os dedos da última mão da última mãe, deitou um olhar àquela que seria a sua primeira "primeira classe" e respirou tão profundamente quanto a ansiedade lho permitia.

Cuidou de acalmar os pequenitos que, a todo o momento, ameaçavam retomar o choro. Depois da tempestade, parecia ter chegado o merecido sossego. Contou os gaiatos. Faltava um.

- *O senhor professor dá licença?* - e logo algumas das já aquietadas mães aproveitaram para ensaiar um retorno e lançar ansiosos olhares sobre a prole, que retomava o ritmo do soluçar e desembocava numa nova e ruidosa choradeira.

Apercebendo-se de que a frente de batalha não se encontrava lá dentro mas fora de muros, o professor alterou a estratégia. Saiu da sala, fechou a porta atrás de si e a ela resolutamente se encostou, qual Mem Martins ao invés. O que viu fez com que o seu semblante não reflectisse tanta amabilidade como há meia hora atrás. Uma suposta mãe debatia-se impotente perante investidas e pontapés do seu rebento, acompanhadas de tais imprecações que fariam corar de vergonha um surdo.

- *O senhor doutor do posto disse-me que ele tem sistema nervoso. O meu marido até ouviu? não foi, ó Quim? que a gente não o pode contrariar. Eu ainda pensei em levá-lo ao especialista dos nervos, mas tenho lá posses! ?Inda se a Caixa me desse um suicídio! Já entreguei a papelada há que tempos... e nada!*

- *O garoto é levado do diabo ?* comentavam, entre dentes, alguns dos presentes.

Metê-lo assim na sala, nem pensar! ? pensou o professor. Pegou no puto ao colo e, a custo, foi com ele até ao alpendre das traseiras.

Quando se encontrou a sós com o miúdo, sentou-o na beira do muro e falou-lhe baixinho e ao coração. Disse-lhe tudo o que é possível dizer-se para sossegar o espírito de uma criança. E o infante presenteou-o com um chorrilho de impropérios:

- *Deixa-me, filho da p...! Deixa-me!*

O professor respirou fundo, contou até vinte, voltou a respirar mais fundo e contou mais uma vez. O professor não era dos que acreditava no ditado popular que diz que "moço que não é castigado não será cortesão nem letrado", mas já começava a desesperar. O fedelho esperneava e gritava:

- *Deixa-me, filho da p...! Larga-me!*

A mão do professor foi mais lesta que o pensamento e só parou na face do pequeno. Mas foi a mesma mão que a acariciou e enxugou as últimas lágrimas, enquanto os seus braços envolveram a criança num abraço penitente.

O miúdo percebeu que a sua performance tinha acabado e que com aquele adulto ? a seus olhos bruto e terno ? a cena do grito e da canelada não surtia efeito. Por receio de novo tabefe ou por razões que a razão desconhece, o pequeno lá foi, a par do novo mestre, sala adentro, como se nada de especial tivesse sucedido.

à sua passagem, uma mãe ainda comentou:

- *Este professor é que tem jeito para as crianças!*

Equidistante dos outros dois episódios, este confirma o que já dizia um poeta: as mãos " *são a guerra e são a paz*".

Apercebo-me de que o texto já vai longo e de que ainda não lhe juntei palavras por detrás das palavras. Juntar-lhe-ei apenas uma recomendação bibliográfica. Se é verdade que bater numa criança é um acto de cobardia, também sabemos o que Anton Makarenko escreveu no seu "Poema Pedagógico". Quem ainda o não leu, não sabe o que perde. Está lá tudo.

José Pacheco
Escola da Ponte / Vila das Aves